

Cultura Organizacional da Família e Sexualidade Adolescente

Célia Maria Jesus Ferreira Grilo¹

RESUMO

Enquadramento: A adolescência caracteriza-se pela progressiva aquisição de autonomia, e pela suscetibilidade à influência de pares, podendo resultar na adoção de comportamentos de risco.

Objetivo: Analisar as relações entre as variáveis sociodemográficas e de contexto sexual, a cultura organizacional da família e as atitudes dos adolescentes face à sexualidade.

Método: Estudo observacional descritivo correlacional, de corte transversal; a colheita de dados foi realizada através de um questionário sobre a caracterização sociodemográfica e de contexto sexual; o inventário da cultura organizacional da família (Nave, 2007) e a escala de atitudes face à sexualidade (Nelas et al, 2010); Amostra não probabilística de 1216 adolescentes do 9º ano no âmbito do projeto MISIJ -FCTF-PTDC/CPE-CED/103313/2008.

Resultados: A média de idades foi de 14.69 anos; 12.6% já iniciaram relações sexuais; 48.1% apresenta atitudes favoráveis face à sexualidade; os rapazes revelaram atitudes mais favoráveis que as raparigas, ($X^2=36.348$, $p=0.000$). Existem diferenças estatisticamente significativas entre o sexo, diálogo sobre sexualidade com professores e profissionais de saúde ($p=0.000$), a idade ($p=0.004$), a cultura organizacional da família ($p<0.005$), e as atitudes dos adolescentes face à sexualidade.

Conclusões: Família e sociedade devem criar modelos de saúde que sustentem a educação sexual das crianças e adolescentes.

Palavras-chave: adolescência, família, sexualidade, atitudes.

ABSTRACT

Background: Adolescence is characterized by the progressive acquisition of autonomy, but also susceptibility to peer influence that can result in adoption of risk behaviors.

¹ Enfermeira Especialista de Saúde Materna e Obstétrica, Mestre em Educação para a Saúde. Unidade de Cuidados na Comunidade de Sátão – Mirante do Seixo; e-mail: celia2x1@sapo.pt.

tion of risk behaviors.

Objectives: Analyze the relationship between sociodemographic variables, of sexual context and organizational culture of the family and the attitudes adopted by adolescents facing sexuality.

Method: Observational descriptive and correlational, transversal study. The questionnaire applied was on sociodemographic characterization and sexual context, the family organizational culture of Nave (2007) and the scale of attitudes towards sexuality of Nelas et al (2010); a non-probabilistic convenience sample of 1216 adolescents attending the 9th year, part of the project MISIJ -FCTF-PTDC/CPE-CED/103313/2008.

Results: The average age was 14.69 years; 12.6% have initiated sex relations; the majority (48.1%) had favorable attitudes towards sexuality. Boys have more favorable attitudes towards sexuality in global than girls ($X^2 = 36.348$, $p = 0.000$). There are statistically significant differences between sex and speaking about sexuality with teachers and health professionals ($p=0.000$), age ($p=0.004$), family organizational culture ($p<0.005$), and attitudes of adolescents towards sexuality.

Conclusion: Family and society should create health models to support sex education for children and adolescents.

Keywords: adolescents, family, sexuality, attitudes.

RESUMEN

Enquadramento: La adolescencia se caracteriza por la progresiva adquisición de autonomía, y la susceptibilidad a la influencia de los compañeros, lo que puede dar lugar a la adopción de conductas de riesgo.

Objetivo: Analizar las relaciones entre las variables sociodemográficas y el contexto sexual, la cultura organizacional de la familia, y las actitudes de los adolescentes frente a la sexualidad.

Método: Estudio observacional descriptivo correlacional transversal; la recolección de datos se llevó a cabo a través de un cuestionario sobre la caracterización sociodemográfica y contexto sexual; inventario de la cultura organizacional de la familia (Nave, 2007) y la escala de actitudes hacia la sexualidad (Nelas et al, 2010); Muestra no probabilística de 1216 adolescentes

de noveno grado en MISIJ -FCTF-PTDC / CPE-CED 103313/2008 / Proyecto.

Resultados: La edad media fue de 14,69 años; 12.6% han iniciado las relaciones sexuales; 48.1% tienen actitudes favorables hacia la sexualidad; muchachos mostraron actitudes más favorables que las niñas, ($X^2 = 36,348$, $p = 0.000$). Existen diferencias estadísticamente significativas entre el sexo, el diálogo sobre sexualidad con los maestros y profesionales de la salud ($p = 0,000$), la edad ($p = 0,004$), la cultura organizacional de la familia ($p < 0,005$), y las actitudes de los adolescentes hacia la sexualidad.

Conclusiones: la familia y la sociedad deben crear modelos que apoyan la educación de la salud sexual de los niños y adolescentes.

Palabras clave: adolescencia, la familia, la sexualidad, actitudes

INTRODUÇÃO

A família tem sido desde longa data uma instituição que se responsabiliza pela transmissão de uma herança que vai passando de geração em geração, e que se constitui de valores, normas e cultura, próprias e únicas de cada família. Tem o papel fundamental de influenciar a formação dos indivíduos que dela fazem parte, contribuindo para a determinação da personalidade e interferindo significativamente no comportamento de cada um dos seus membros.

O vértice principal da funcionalidade da família é constituído pelas relações interpessoais entre os seus membros, e a afetividade e os sentimentos de pertença e identidade desempenham os papéis primordiais (Nave, 2007).

Sendo um evento previsível a adolescência tem grande impacto no decorrer da vida familiar. O conjunto de transformações que aqui se operam inclui importantes mudanças ao nível da sexualidade, surgindo as primeiras relações amorosas, que podem ser acompanhadas pelas primeiras experiências sexuais.

As atitudes dos adolescentes face à sexualidade são influenciadas por pessoas significativas, pelos que convivem proximamente com os adolescentes e pelas experiências vividas pelos próprios ao longo do ciclo de vida.

No seguimento desta problemática questionámo-nos se as variáveis sociodemográficas (sexo, idade e local de residência), de contexto sexual (namoro, diálogo sobre sexualidade, relações sexuais, utilização de contraceção) e cultura organizacional da família influenciam as atitudes dos adolescentes face a sexualidade? Para dar resposta a esta questão traçamos como objetivo analisar as relações entre as variáveis sociodemográficas e de contexto sexual, a cultura organizacional da família e as atitudes dos adolescentes face a sexualidade.

QUADRO TEÓRICO

A adolescência é um período de descoberta dos limites individuais, de questionamento dos valores e das normas familiares, e de forte adesão aos valores e normas do grupo de amigos e pares, caracterizado ainda por necessidade de integração social, pela procura de autonomia e de independência como pessoa, e pela definição da identidade sexual.

A sexualidade define-se como uma rede de condutas, atitudes e afetos; constrói-se e aprende-se e é parte integrante do desenvolvimento da personalidade, podendo interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do

indivíduo (Brêtas, Ohara, Jardim, Junior e Oliveira, 2011).

A orientação no âmbito da sexualidade deverá ser prioritariamente uma competência da família, elemento fulcral na identidade de género e no desenvolvimento dos papéis sexuais dos filhos. A educação sexual transmitida e recebida na família é muito importante para o desenvolvimento harmonioso da criança e do adolescente. A família que ama, que acolhe e que cuida é a mesma que educa e informa sobre sexualidade, tornando os seus jovens mais seguros, saudáveis e felizes (Ferreira et al, 2013). A família, a escola e a rede de saúde em interligação determinarão a educação sexual dos adolescentes.

METODOLOGIA

Estudo de natureza quantitativa, observacional descritivo correlacional, de corte transversal. A técnica de amostragem foi não probabilística e por conveniência, e constituiu-se de 1216 adolescentes a frequentar o 9º ano em escolas públicas, que aceitaram participar no estudo e cujos progenitores consentiram a participação.

A colheita de dados foi realizada por meio de um questionário que inclui questões de caracterização sociodemográfica, de contexto sexual, o inventário da cultura organizacional da família (Nave, 2007) e a escala de atitudes face à sexualidade (AFSA) (Nelas et al, 2010).

O Inventário da Cultura Organizacional da Família (ICOF) mede o tipo de cultura adotado por cada família e a sua funcionalidade e engloba 25 itens, numa escala Tipo Likert. Compõe-se de quatro sub-escalas: Cultura das Relações Interpessoais, Cultura Heurística, Cultura de Hierarquia e Cultura dos Objetivos Sociais. Os valores de alfa de Cronbach variaram entre 0,912 e 0,926, com valor global 0.918.

A escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA) tem como objetivo avaliar conhecimentos e atitudes dos adolescentes no âmbito da afetividade e sexualidade. Compõe-se de 26 itens, elaborados em Escala tipo Likert. Através da análise fatorial pelo método Kaiser M obtivemos a estrutura fatorial de 4 fatores o que nos permitiu agrupar os itens nas dimensões cultural, social, psicossocial e afetiva. Os valores de alpha de Cronbach obtidos variaram entre 0.846 e 0.860, com valor global 0.859.

RESULTADOS

No que se refere aos participantes do estudo verificamos que 54.77 % são do sexo feminino. Os participantes tinham entre 14 e 18 anos, com uma média de idade de 14.69 anos. Relativamente à sua residência a maioria 48.8% reside em aldeia e 32.7% em cidade.

Em relação às variáveis de contexto sexual verificamos que 25.3% namoram, mas 80.7% com 14 anos não namora e 39.4% com idade igual ou superior a 16 anos namora ($X^2 = 32.043$; $p = 0.000$). Constatámos que 93.9% com 14 anos não iniciou e 32.8% com 16 anos ou mais já iniciaram relações sexuais ($X^2 = 90.545$; $p = 0.000$) e que os que se iniciaram sexualmente fizeram-no em média com 13,83 anos; 35.9% fizeram-

-no com ≤ 13 anos. Os rapazes têm a primeira relação sexual mais cedo que as raparigas (13.64 e 14.06 anos respetivamente); são também os rapazes com mais de 16 anos que mais contraceção fazem ($X^2 = 81.828$; $p=0.000$), sendo o preservativo o método mais utilizado (63.8%).

Atendendo ao diálogo sobre sexualidade, observámos que os adolescentes dialogam com os amigos 53.3%, com a mãe 49.3%, com o pai 45.0%, professores (38.5%) e médico ou enfermeiro (40.5 %).

Tendo em conta as atitudes face à sexualidade, 48.1 % dos adolescentes apresentaram atitudes favoráveis face à sexualidade e 24.9% atitudes desfavoráveis, sendo que as raparigas apresentaram maioritariamente um atitude desfavorável e os rapazes uma atitude favorável ($X^2 = 36.348$; $p=0.000$). Se tivermos em conta os adolescentes que têm uma atitude desfavorável face à sexualidade, verificamos que estes tiveram relações sexuais ($X^2 = 7.113$; $p= 0.029$) e fazem contraceção ($X^2 = 9.475$; $p=0.009$); os que têm uma atitude favorável não tiveram relações sexuais ($X^2 = 7.113$; $p= 0.029$).

Considerando as variáveis Cultura Organizacional da Família e atitudes dos adolescentes face à sexualidade pudemos verificar que não existe um tipo de cultura familiar que possa ser linearmente relacionado com as atitudes dos adolescentes face à sexualidade pelo que reiteramos a opinião de Nave (2007) que nos diz que o equilíbrio dinâmico conseguido entre as diferentes dimensões determinará a funcionalidade da família.

Através da análise inferencial verificamos que os adolescentes de 16 anos apresentaram atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões social ($p=0.000$), psicossocial ($p=0.000$), afetiva ($p=0.010$) e total ($p=0.004$); adolescentes do sexo masculino apresentaram atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões social ($p=0.000$), psicossocial ($p=0.000$), afetiva ($p=0.000$) e total ($p=0.000$); e a residência em aldeia atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões psicossocial ($p=0.002$) e total ($p=0.007$).

Os adolescentes que dialogam sobre sexualidade com o pai apresentaram atitudes mais favoráveis face à sexualidade na dimensão cultural ($p=0.006$); os que dialogam com os professores melhoram as atitudes em todas as dimensões – cultural ($p=0.009$), social ($p=0.004$), psicossocial ($p=0.015$), afetiva ($p=0.003$) e total ($p=0.000$); os que dialogam com médico ou enfermeiro apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões cultural ($p=0.005$), social ($p=0.012$), afetiva ($p=0.029$) e total ($p=0.000$).

São os adolescentes que não namoram que apresentaram atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões cultural ($p=0.007$) e afetiva ($p=0.001$), e os adolescentes que não iniciaram relações sexuais apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade nas dimensões cultural ($p=0.000$) e total ($p=0.017$). Por outro lado, os adolescentes que não utilizam contraceção apresentaram atitudes mais favoráveis face à sexualidade na dimensão cultural ($p=0.000$), e os que utilizam contraceção apresentaram atitudes mais favoráveis na dimensão social ($p=0.031$).

Através da utilização de regressões múltiplas verificamos que existe relação entre as variáveis independentes cultura organizacional da família, sexo e idade, e a variável dependente atitudes dos adolescentes face à sexualidade, conforme se visualiza no esquema seguinte:

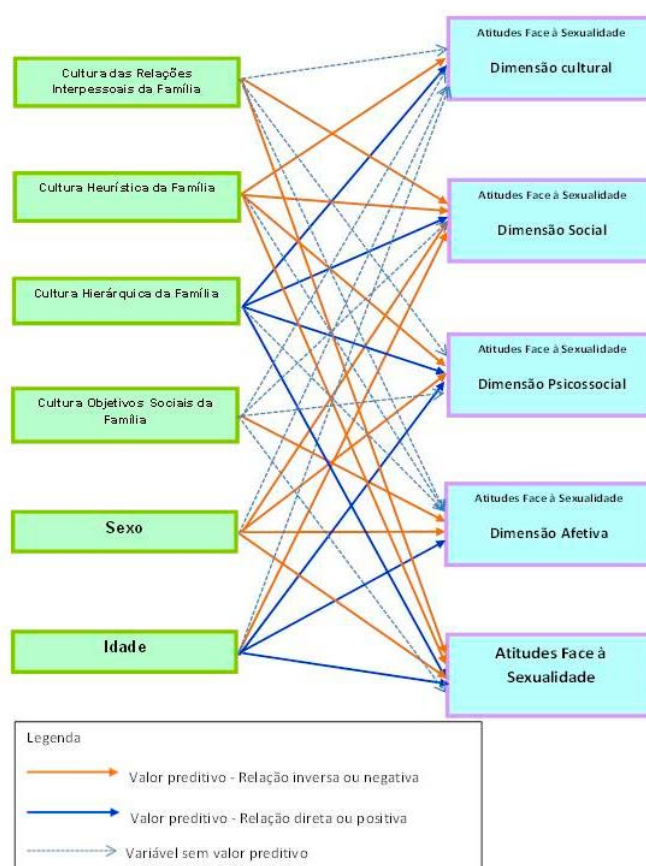


Figura 1: Regressões Múltiplas entre as variáveis independentes cultura organizacional da família, sexo e idade, e a variável dependente atitudes dos adolescentes face à sexualidade.

DISCUSSÃO

A nossa amostra é constituída por um total de 1216 alunos que frequentam o 9º ano de escolaridade em escolas públicas. No nosso estudo as atitudes dos adolescentes face à sexualidade têm a categoria de variável dependente.

Verificamos que 48.1% dos adolescentes apresentam atitudes favoráveis face à sexualidade, 27.0% atitudes moderadas e 24.9% atitudes desfavoráveis, quando comparados com o estudo de Nelas, Fernandes, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), no qual se encontraram atitudes favoráveis face à sexualidade em 43.1% dos adolescentes e desfavoráveis em 36.9% dos adolescentes, e o estudo de Teixeira, Nelas, Aparício e Duarte (2012) que revelou que 46,6% dos alunos apresentavam atitudes favoráveis face à sexualidade, e 40.4 % apresentam atitudes desfavoráveis face à sexualidade, verificamos no nosso estudo um ligeiro aumento dos adolescentes que apresentam atitudes favoráveis, e uma ligeira diminuição dos adolescentes que apresentam atitudes desfavoráveis face à sexualidade.

Relativamente aos adolescentes que têm uma atitude fa-

vorável face à sexualidade podemos observar que 53.7% são do sexo masculino e 46.3% são do sexo feminino. Os dados estatísticos mostram que os rapazes apresentam atitudes mais favoráveis que as raparigas, sendo as diferenças estatisticamente significativas ($p=0.000$) em todas as dimensões e na escala global, à exceção das atitudes na dimensão cultural ($p=0.619$).

Os estudos de Nelas (2011) e Teixeira, Nelas, Aparício e Duarte (2012) concluíram que as raparigas possuem atitudes face à sexualidade mais favoráveis têm atitudes favoráveis face à sexualidade, enquanto a maioria dos rapazes apresenta atitudes desfavoráveis face à sexualidade, contrariamente ao nosso estudo. Os papéis atribuídos a cada um dos sexos são socialmente construídos, o que poderá justificar esta postura tão marcada entre os sexos, implicando atitudes comportamentais sexuais diferentes.

Perante o estudo da relação entre as atitudes dos adolescentes face à sexualidade e a sua idade, constatamos que os adolescentes que tem uma atitude desfavorável face à sexualidade têm maioritariamente (53.8%) 14 anos de idade, assim como os adolescentes que tem uma atitude favorável são maioritariamente os de 16 anos de idade (47.0%).

O estudo de Nelas, Silva, Ferreira, Duarte e Chaves (2010), demonstra que os adolescentes com idade superior a 16 anos têm atitudes mais desfavoráveis face à sexualidade; no estudo de Teixeira, Nelas, Aparício e Duarte (2012) podemos observar que os alunos com 14 anos apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade, o que contraria os resultados por nós encontrados. As diferenças observadas nas atitudes face à sexualidade entre os adolescentes com 14 anos e as outras faixas etárias confirmam a necessidade e oportunidade pedagógica de uma intervenção nesta etapa de desenvolvimento que favoreça uma revisão crítica em assuntos de sexualidade. Uma cultura de educação para a sexualidade responsável desde tenra idade irá contribuir decerto para o desenvolvimento de uma capacidade de tomada de decisão pessoal dos alunos sobre os comportamentos e atitudes face à sexualidade.

No que diz respeito à relação entre a residência e as atitudes dos estudantes face à sexualidade verificamos no nosso estudo que dos adolescentes que têm uma atitude favorável face à sexualidade a maioria (51.8%) reside em aldeia. Nos estudos realizados por Nelas (2011) e Teixeira, Nelas, Aparício e Duarte (2012) verificou-se que os alunos residentes em zonas urbanas apresentam atitudes mais favoráveis face à sexualidade, contrariando os nossos resultados. No nosso estudo, parece-nos que a vida mais isenta de pressões e as relações familiares mais sedimentadas e talvez até mesmo algum conservadorismo, podem influenciar a forma de estar e de ser dos adolescentes, e interferir nas atitudes dos adolescentes em geral e face à sexualidade. Estamos em crer que a realidade dos adolescentes inquiridos no nosso estudo, caracterizada por residirem maioritariamente em meios pequenos, com relações de vizinhança e convívio entre famílias lhes poderá proteger de outros ambientes mais vulneráveis às in-

fluências dos pares (Dias e Rodrigues, 2009). Contudo seria necessário proceder a uma descrição sociodemográfica mais detalhada da amostra em estudo que permita perceber melhor a influência que as desigualdades sociodemográficas têm sobre as atitudes dos adolescentes.

No que se refere ao diálogo dos adolescentes sobre sexualidade constatámos que os adolescentes dialogam com os amigos 53.3%, com a mãe 49.3%, com o pai 45.0%, professores (38.5%) e médico ou enfermeiro (40.5 %). Um estudo HBSC (cit.in Matos e Sampaio, 2010), concluiu que os jovens preferem os amigos e os colegas, depois os pais e só depois os professores, para obter informação sobre sexualidade, o que reitera o atrás referenciado. Ferreira e Nelas (2008) indicam os amigos como interlocutores privilegiados para os adolescentes e concluiu que os médicos ou enfermeiros são referenciados por 30.3% dos estudantes, o que difere do nosso estudo cujos resultados referem que 40.5% dialogam com médico/enfermeiro sobre sexualidade. Verificámos ainda a importante influencia dos professores nas atitudes dos adolescentes face à sexualidade e parece-nos que quando essa fonte está presente as atitudes dos adolescentes face à sexualidade são significativamente favorecidas. Relativamente ao facto de os jovens recorrerem de forma reduzida a profissionais e serviços de saúde e realizando uma análise mais aprofundada como profissionais de saúde, parece sugerir-nos que este facto possa estar relacionado com a falta de informação sobre os serviços disponíveis e dificuldades de acesso aos mesmos.

Verificámos neste estudo que os adolescentes iniciaram a sua vida sexual e tiveram a primeira relação sexual entre os 10 e os 18 anos de idade, correspondendo-lhe uma média de 13,83 anos, o que é um valor ligeiramente abaixo do estudo publicado por Silva et al (2012) que refere um início de atividade sexual pelos 14.68 anos de idade. O estudo do HBSC de 2006 (Matos, et al 2006) revela que a maior parte dos jovens que já teve relações sexuais refere ter iniciado sexual a partir dos 14 anos (63.7%).

Numa sociedade em crescente transformação convive-se com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os adolescentes e um estudo de Silva et al (2012) defende essa precocidade como um dos fatores de uma precária atitude face à sexualidade em adolescentes, recomendando, entre outros, o incentivo de atraso no início da atividade sexual dos adolescentes assim como a vivência de uma sexualidade consciente como fatores para melhorar a atitudes dos adolescentes face à sexualidade. Coimbra, Ferreira, Nelas Duarte e Albuquerque (2013) salientam a necessidade de se desenvolverem programas que promovam conhecimento na área das habilidades pessoais e sociais capazes de aumentar o empoderamento dos adolescentes.

No que se refere à cultura familiar e atitude dos adolescentes face à sexualidade, Dias e Rodrigues (2009) referem que o estilo parental democrático parece exercer forte influência na preparação dos adolescentes para o estabelecimento de relações afetivas e calorosas que propiciam a educação para

o amor e para a liberdade exercida de forma responsável.

CONCLUSÃO

A orientação no âmbito da sexualidade deverá ser prioritariamente uma competência da família; Família, Escola e Rede de Saúde têm papéis diferentes, contudo complementares.

Deixamos duas sugestões que nos parecem primordiais: a melhoria dos processos de comunicação entre pais e filhos, coadjuvada e orientada por profissionais especializados na prevenção do envolvimento dos adolescentes em comportamentos de risco em saúde, e o maior e melhor envolvimento dos agentes na educação das crianças e dos adolescentes - Professores e Profissionais de Saúde - no esforço para melhorar a sua Educação Sexual. Como estratégias propomos:

Incentivar o atraso no início da atividade sexual dos adolescentes;

- Melhorar a acessibilidade dos jovens aos Profissionais de Saúde;
- Implementar programas de educação sexual que envolvam adolescentes, pais, professores e profissionais de saúde especificamente dirigidos à população estudantil do 3º ciclo do ensino básico;
- Trabalhar a questão de género no espaço privilegiado Escola para mudar normas de pares e criar habilidades de negociação.

BIBLIOGRAFIA

- Brêtas, J. R., Ohara, C. V., Jardim, D. P., Junior, W. A., & Oliveira, J. R. (2011). Aspectos da sexualidade na adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3221-3228. Acedido em <http://www.scielo.org/pdf/csc/v16n7/21.pdf>
- Coimbra, S., Ferreira, M., Nelas, P., Duarte, & Albuquerque, C. (2013). Knowledge of adolescents about sexually transmitted infections. *Atención Primaria*, 45 (Espec cong 1), 40. Acedido em www.elsevier.es/ap
- Dias, A. C., & Rodrigues, M. A., (2009). Adolescentes e sexualidade: Contributo da educação, da família e do grupo de pares adolescentes no desenvolvimento da sexualidade. *Revista Referência*, 2(10), 15-22.
- Ferreira, M., Nelas, P., Duarte, Albuquerque, C., Grilo, C., & Nave, F. (2013).

- Family culture and adolescent sexuality. *Atención Primaria*, 45(Espec cong 1), 216. Acedido em www.elsevier.es/ap
- Ferreira M., Marques A., & Duarte, J. (2012). Promoting sexual and reproductive health in vocational education: A study with portuguese youth. *European Journal of Epidemiology*, 27(sup 1), 88.
- Ferreira, M., & Nelas, P. (2008). Aprendizagem dos afetos e da sexualidade do adolescente: papel da família. *Revista da Associação Portuguesa dos Enfermeiros Obstetras*, 9, 62-65.
- Matos, M. G., Simões, C., Tomé, G., Pereira, S., Dinis, J. A., (2006). Comportamento sexual e conhecimentos: Crenças e atitudes face ao VIH/SIDA. *Aventura social & saúde*. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.
- Matos, M. G., & Sampaio, D. (2010). Educação sexual no contexto escolar em Portugal: dando voz aos alunos. *Arquivos de Medicina*, 24(5).
- Nave, F. (2007). Os padrões da cultura organizacional da família: Uma abordagem da funcionalidade familiar, numa perspectiva organizacional (Tese de Doutoramento). Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- Nelas, P. A. (2011). Educação sexual em contexto escolar: Uma intervenção contra a vulnerabilidade na vivência da sexualidade adolescente (Tese de Doutoramento). Universidade de Aveiro. Acedido em <http://hdl.handle.net/10773/4656>
- Nelas, P., Fernandes, C., Ferreira, M., Duarte, J., & Chaves, C. (2010). Construção e validação da escala de atitudes face à sexualidade em adolescentes (AFSA). In F. Teixeira (Org.), *Sexualidade e educação sexual: políticas educativas, investigação e práticas* (pp. 180-184). Braga: Edições CIED.
- Saavedra, L., Nogueira, C., & Magalhães, S. (2010, Janeiro-Março). Discursos de jovens adolescentes portugueses sobre sexualidade e amor: Implicações para a educação sexual. *Educação Social*, 31(110), 135-156. Acedido em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11634/1/Discursos%20de%20jovens%20adolescentes%20sobre%20sexualidade%20e%20amor.pdf>
- Silva, H. M., Ferreira, S., Águeda, S., Almeida, A. F., Lopes, A., & Pinto, F. (2012). Sexualidade e risco de gravidez na adolescência: Desafios de uma nova realidade pediátrica. *Acta Pediátrica Portuguesa*, 43(1), 8-15. Acedido em [http://www.spp.pt/Userfiles/File/App/Artigos/32/20120530161957_Art%20Original_Silva%20HM_43\(1\).pdf](http://www.spp.pt/Userfiles/File/App/Artigos/32/20120530161957_Art%20Original_Silva%20HM_43(1).pdf)
- Teixeira, D., Nelas, P., Aparício, G., & Duarte, J. (2012). Atitudes face à sexualidade dos alunos do 3º ciclo do ensino básico. In C. Albuquerque (Org.), *Comportamentos de saúde infanto-juvenis: realidades e perspectivas* (pp. 430-440). Escola Superior de Saúde de Viseu. Instituto Politécnico de Viseu.